

Aplicação da análise complexa em estudos geográficos: proposta de regionalização da Serra do Cipó

Solano de Souza Braga^{1*}
Bernardo Machado Gontijo²
Guilherme Augusto Pereira Malta³
Maria Flávia Pires Barbosa⁴

¹ Graduado em Turismo (UFMG) e em Geografia (UNIVERSO). Mestre em Geografia (IGC-UFMG). Professor do curso de Turismo (UEMG).

² Graduado em Ciências Biológicas (PUCMinas) e Geografia (IGC-UFMG). Mestre em Estudos Latino-Americanos (Vanderbilt University). Doutor em Desenvolvimento Sustentável (UNB). Professor do IGC-UFMG.

³ Graduado em Turismo (IGC-UFMG). Mestre em Geografia (IGC-UFMG). Doutorando em Geografia (IGC-UFMG).

⁴ Graduada em Turismo (UFMG). Mestre em Geografia (IGC-UFMG). Doutoranda em Geografia (IGC-UFMG).

Resumo As distintas visões que existem sobre a Serra do Cipó e a ausência de uma definição mais abrangente da região causam inconsistências nas delimitações da área de estudo. De maneira geral, o termo “Serra do Cipó” pode ter diversos significados: um distrito, um Parque Nacional, uma Área de Proteção Ambiental, uma cabeceira de drenagem, um Circuito Turístico, dentre outras. Com base no método de análise complexa, o artigo objetiva apresentar uma definição de região que congregue as principais características e elementos naturais e humanos da Serra do Cipó. Para isso, foi proposto um recorte regional para a Serra do Cipó a partir da sobreposição de elementos históricos, ambientais, territoriais, culturais e socioeconômicos. Atualmente, o turismo é o agente que mais contribui para que a imagem da Serra se consolide e se associe, sobretudo, à questão ambiental. Assim, definiu-se como região a área composta pelos municípios que agregam o maior número de elementos que fortalecem a identidade “Serra do Cipó”.

Palavras-chave: regionalização; turismo; Serra do Cipó.

1. Introdução: montando o quebra-cabeça

Escrever sobre a Serra do Cipó é sempre desafiador – os personagens, as histórias, lendas e estórias sobre ela são tão diversas e ricas como as suas paisagens. São muitos os caminhos que fazem com que sejam diversas também as suas dimensões. Apesar de inúmeras monografias, dissertações e teses que abordam a Serra do Cipó, ainda existem poucos estudos sobre as áreas/municípios periféricos dessa região e sobre a definição de sua real área de influência. Esse fato causa problemas conceituais, já que em alguns trabalhos não fica claro sobre qual “Serra do Cipó” os autores se referem – um distrito, um Parque Nacional, uma Área de Proteção Ambiental, uma cabeceira de drenagem, uma denominação regional para esta porção da Serra do Espinhaço, um Circuito Turístico, uma micro-bacia, dentre outras.

Há inúmeras dificuldades de delimitação da Serra do Cipó, exemplificadas em algumas definições encontradas sobre a região. Em linhas gerais, existem quatro principais e recorrentes possibilidades de menção à Serra do Cipó, a saber: a) a visão reducionista que indica os limites da região restritos

apenas ao distrito de Cardeal Mota (hoje distrito Serra do Cipó); b) a associação que compreende a Serra do Cipó como o circuito turístico de mesmo nome, ressaltando, porém, que mesmo sendo essa ideia pertinente ela não corresponde, de fato, às inúmeras questões físicas e culturais da região que contribuem para sua delimitação; c) o vínculo que associa a Serra do Cipó aos limites da sub-bacia hidrográfica do Rio Cipó que, provavelmente, deu nome à região; e) por último, e o mais comum de todos os equívocos é associar a Serra do Cipó apenas ao entorno do PARNA Cipó, como nos trabalhos de Soares et al. (1992), Pereira et al. (2002), Nazareth (2005), Eplerwood (2007), ICMBio (2009). Nesse contexto, pode-se dizer que as ideias sobre o que é a Serra parecem se dividir em dois grupos – a Serra, que é um cenário para aqueles que só a veem de passagem e que tem seus contornos definidos pelos aspectos físicos; ou a Serra, que abriga uma população composta por descendentes de quilombolas, índios, bandeirantes e colonos e que não respeita os limites físicos estabelecidos por bacias hidrográficas, cânions e biomas.

Diante disso, o artigo objetiva apresentar uma definição de região que congregue as principais características e elementos naturais e humanos da Serra do Cipó. Para isso, foi proposto um recorte regional para a Serra do Cipó com base na definição de critérios que permitem a sobreposição de características históricas, ambientais, territoriais, culturais e

* solanobraga@yahoo.com.br

socioeconômicas. Os resultados desta sobreposição permitem a construção de um mapa que demonstra a área core de abrangência e influência da Serra do Cipó.

2. Metodologia

No intuito de apontar uma regionalização para a Serra do Cipó, foi utilizado como critérios norteadores os elementos abaixo e suas interações, conforme pressupõem o método de análise complexa (MORIN, 1999 e GONDOLO, 1999). Este método está baseado no ciclo ordem / desordem / interação / organização e, segundo Morin (2008), parte do princípio que “um objeto não pode ser concebido fora das interações que lhe constituíram e das interações das quais ele participa” (MORIN, 2008, p.78). Partindo desta ideia, os elementos analisados neste estudo são: 1) as Unidades de Conservação (UC's) (ICMBio, 2009; GONTIJO, 2003; EPLERWOOD, 2007; UNESCO, 2011); as vias de acesso (FERREIRA, 2010; GOULART, 2009); a Geografia – incluindo a área da sub-bacia do Rio Cipó, a geologia, o relevo e a vegetação (SAADI, 1991 e 1995; LABGEO/UFV; GONTIJO, 2010; IEF, 2011, GEOMINAS 2011 e IBGE, 2010); os registros históricos sobre a região e a formação política dos municípios (ICMBio, 2009); as questões turísticas (GONTIJO, 2007; IER, 2011; BRAGA e GONTIJO, 2009), que envolvem a visitação, a pressão e a organização dos municípios em circuitos turísticos e o eixo da Estrada Real. De maneira esquemática, a Figura 1 apresenta os critérios utilizados para identificar e delimitar a área de influência da Serra do Cipó.

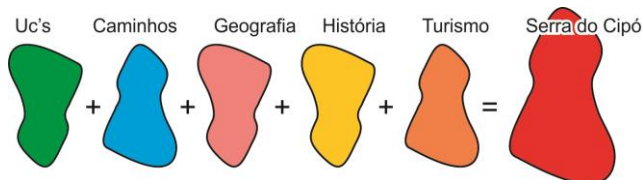


Figura 1: Critérios utilizados para delinear a Serra do Cipó.
Fonte: Elaboração própria.

Mais do que falar sobre cada um destes elementos, as relações entre eles também são importantes para a delimitação dos contornos sugeridos para a região da Serra do Cipó, como mostra a Figura 2. Visto os critérios que delineiam a escala regional proposta, será apresentado nos próximos tópicos uma breve caracterização dos elementos considerados para sua conformação.

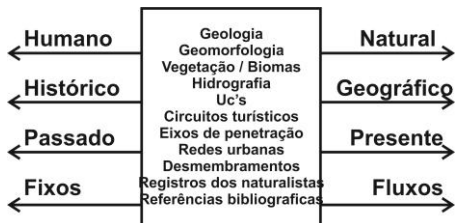


Figura 2: Diálogos e interfaces entre os temas abordados
Fonte: Elaboração própria.

3. Caracterização dos elementos considerados na regionalização

HISTÓRIA

Os caminhos que atualmente cortam a Serra do Cipó começaram a ser traçados por volta de 12.000 a 8.000 a.C. ainda pelos primeiros moradores da região, isto é, povos negroides, que foram seguidos por ameríndios. Segundo Goulart (2001), artefatos arqueológicos revelam indícios de duas correntes migratórias em um período de três milênios. A primeira possuía traços negroides e foi exterminada pela segunda leva, que sobreviveu até os nossos dias, com traços tipicamente asiáticos (GOULART, 2001, p. 43).

Os ameríndios, que também tiveram grande presença na Serra, constituíram a segunda leva de povoamento iniciada por volta de 8.000 A.C., e deixaram inúmeros sítios arqueológicos e pinturas rupestres espalhadas pela Serra do Cipó, dos quais pode-se destacar o “Grande Abrigo” e as Lapas dos Gentios e Sucupira¹, em Santana do Riacho. Contudo, a população indígena foi praticamente exterminada e desapareceu da região após o decreto de 1808, quando Dom João VI declarou guerra aos “Botocudos” para abrir uma frente de ocupação e de povoamento em direção ao Vale do Rio Doce na vertente Leste da Serra. A Oeste da Serra, não se observava mais a presença de indígenas já no século XIX. Destino de viajantes desde o século XVIII, quando se consolidou como caminho e entreposto entre Ouro Preto e Diamantina, a Serra guarda nas suas paisagens fortes marcas formadas desde o processo de descobrimento e povoamento da região até os dias atuais.

Na borda Leste, pertencente ao Bioma da Mata Atlântica e à Bacia do Rio Doce, formou-se o “Caminho do Mato Dentro”, parte da extensa Estrada Real. Por este trecho passou a maioria dos viajantes e naturalistas do período Pós-Joanino e nos relatos de viajantes era comum a alusão à beleza da Serra do Cipó – ou Serra da Vacaria e Serra da Lapa, como foi chamada a princípio. Os traços da arquitetura portuguesa ainda marcam a paisagem das cidades históricas desta vertente da Serra sendo, o próprio caminho, também de grande representatividade.

Na porção Oeste, onde predomina o Cerrado, os traços de relevo mais suaves são marcados por alguns cursos d’água da Bacia do Rio São Francisco. A Serra era cortada por dois caminhos – “O caminho dos Curraes” e o “Caminho de dentro pelas macaúbas”. Os índios praticamente já não eram vistos em meados do século XVIII e os negros se espalharam em diversos quilombos. Os quilombos eram formados por escravos vindos da porção Norte onde estava a Vila do Príncipe (atual Serro), e do Sul, da região das vilas de Sabará e Vila Rica (atual Ouro Preto). Enquanto os índios desapareceram no século XVII, os descendentes de

¹ Existem várias publicações e pesquisas sobre a ocupação paleoíndia na Serra do Cipó, destacando-se as desenvolvidas pelo departamento de Arqueologia da UFMG e lideradas em grande parte pelo prof. Dr. André Prous.

quilombolas continuavam presentes em vários povoados, tanto na porção Leste quanto na porção Oeste, sendo possível destacar os povoados do Açude, Mato do Tição, Três Barras, Buraco, Bongue, Capão do Berto, Xirú, dentre outros.

Em relação ao povoamento de origem portuguesa, os primeiros registros, conforme o ICMBio (2009), são do século XVI quando, em busca de alternativas para gerar recursos na Colônia frente a crise da cana-de-açúcar, Portugal incentivou várias expedições ao interior do Brasil em busca de metais e pedras preciosas. O primeiro registro é de 1572, quando a bandeira de Sebastião Fernandes Tourinho teria passado pela borda Leste da Serra do Cipó, com cerca de 400 homens, ao fazer o trajeto entre as capitanias da Bahia e de São Paulo.

Com o declínio da mineração do ouro e diamante no final do século XIX, aos poucos a região foi caindo no esquecimento. A falta de estradas transitáveis e a dificuldade

em se deslocar nos terrenos acidentados da Serra funcionaram como atrativo apenas para alguns grupos de ex-escravos que, após a abolição da escravidão, migraram para a borda Oeste da Serra onde formaram alguns povoados. Como o povoamento nessa vertente foi mais tardio, nela é encontrada a maioria dos povoados de origem quilombola, se comparada com a vertente Leste. Pode-se visualizar, na Figura 3 a seguir, os municípios que compõem a proposta de regionalização para da Serra do Cipó que será apresentada nesse presente artigo. Além do conjunto de municípios que a compõem, também estão expostos o seu contexto estadual e regional dentro da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço - RBSE. Cabe destacar que, o termo Região da Serra do Cipó será utilizado para representar o conjunto os municípios, ou parte de seus territórios, apresentado como “área de estudo” na figura abaixo.

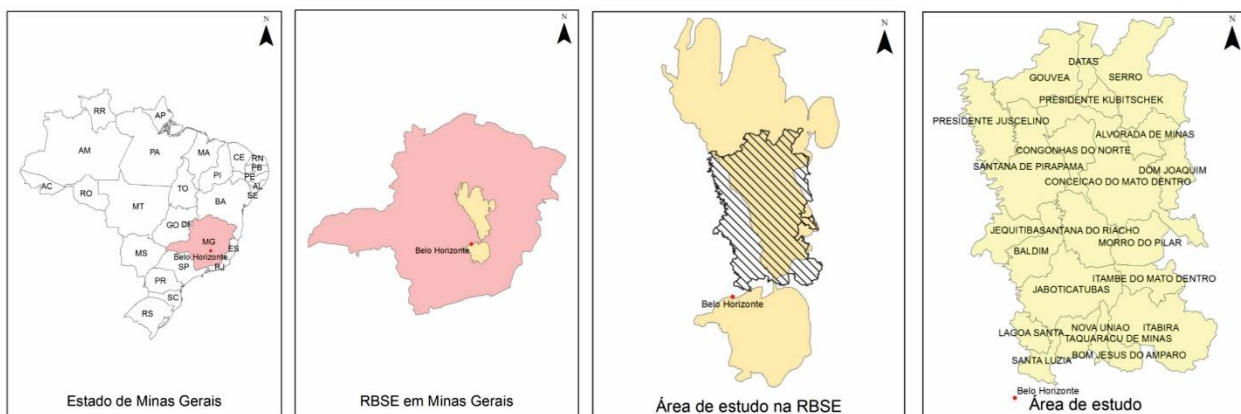


Figura 3: Localização da área de estudo considerando o contexto nacional, estadual e da RBSE, 2011
Fonte: Elaboração própria.

O período entre os séculos XIX e XX foi marcado não só pela estagnação econômica, mas também por constantes rearranjos territoriais entre os municípios que formam a região da Serra do Cipó. A estagnação foi mais marcante na borda Oeste, marcada, sobretudo, pelo isolamento geográfico em razão da escassez de acessos. Esse é um fato visível na paisagem até hoje. Nesse sentido, a formação administrativa do município de Santana do Riacho, por exemplo, expõe parte da grande dinâmica territorial pela qual a região passou ao longo dos anos.

Situado geograficamente no centro da região, a sede de Santana do Riacho já fez parte dos territórios dos (atuais) municípios de Conceição do Mato Dentro, Serro, Morro do Pilar, Santa Luzia, Caeté e Jaboticatubas. Com base em informações coletadas nas prefeituras, na Enciclopédia dos Municípios Mineiros e no Plano de Manejo do PARNA Serra do Cipó, percebeu-se que Santa Luzia/Caeté e Conceição do Mato Dentro/Serro eram os principais municípios que abrangiam a área da Região da Serra do Cipó e como esses municípios foram se fragmentando ao longo do tempo.

O início do processo de povoamento se deu a partir do Serro e de Sabará. O último se fragmentou dando origem a boa parte dos municípios da vertente Leste e porção Sul. O

Serro, por sua vez, deu origem aos municípios ao Norte e Leste da região. Observa-se, através dos cartogramas apresentados na Figura 4, o processo “cartográfico-genealógico”² que resultou na atual composição dos municípios da Região da Serra do Cipó. Ressalta-se que os movimentos emancipatórios acompanharam o que acontecia no resto país, como aponta Magalhães (s/d), “o início do processo de emancipação municipal no Brasil ocorreu por volta da década de 1930. Esse processo se intensificou nas décadas de 1950 e 1960 e foi restringido pelos governos militares entre 1970 e 1980. Após o término do regime militar, as emancipações se intensificaram novamente” (p. 13).

Outro fator que propiciou a emancipação dos municípios foram as políticas desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek, tanto como governador do Estado de Minas Gerais quanto como Presidente de República. Durante esses períodos houve significativos investimentos na região, que possibilitou que distritos se emancipassem. Outro fator,

² Método utilizado por GUSSO (1996), na monografia “Minas Novas de Velhas Histórias: contextualização geográfica e socioeconômica”.

também de ordem política, que contribuiu com esse processo foi o fato de que alguns prefeitos incentivavam a emancipação de distritos onde eles possuíam maioria dos votos, criando assim condições para que o grupo político que o representava permanecesse no poder. Atualmente existem alguns rumores sobre movimentos emancipatórios em Santana do Riacho, no Distrito Serra do Cipó, que respondem por grande parte das divisas municipais. Há também uma expectativa com relação

à Conceição do Mato Dentro, de que seus distritos mais distantes, onde já existem inserções de novas e grandes atividades econômicas – como a ação de grandes mineradoras, por exemplo – se fortaleçam política e economicamente e busquem a emancipação.

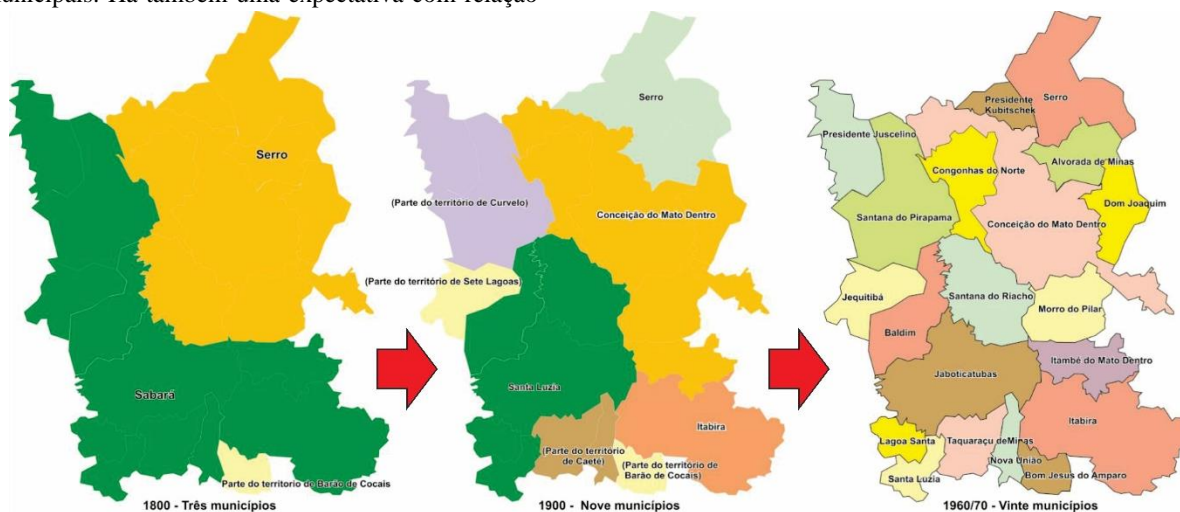


Figura 4: Árvore genealógica dos municípios da Serra do Cipó, 1800, 1900 e 1960/1970

Fonte: Elaboração própria

A GEOGRAFIA DA SERRA: OS RIOS, PICOS, FLORA E GEOMORFOLOGIA

Considerando os aspectos físicos, a Serra do Cipó é um dos vários nomes locais recebidos pela Serra do Espinhaço (também conhecida como Serra Geral) ao longo dos seus 1.200 km, cujo trajeto percorre desde o Quadrilátero Ferrífero, na porção centro-sul de Minas Gerais, até a Chapada Diamantina, no estado da Bahia. Pode-se identificar três grandes unidades paisagísticas na Serra do Cipó, segundo estudos realizados pelo LABGEO/UFV, e que estão de acordo com as informações do Plano de Manejo do PARNA Serra do Cipó e outros estudos de referência (SAADI, 1991; 1995; GONTIJO, 2010).

No primeiro domínio, historicamente coincidente com o “Caminho dos Curraes” e o “Caminho de Dentro pelas Macaúbas”, na borda Oeste, nasce o Rio Cipó, integrante da bacia do Rio das Velhas. Sobre a sub-bacia do Rio Cipó, ICMBio (2009) destaca que as águas têm papel central no potencial turístico não só do PARNASC, como de toda a região. A sub-bacia do Rio Cipó se estende até o município de Presidente Kubitschek, considerado aqui como um dos extremos da região da Serra do Cipó. Apesar de ocupar uma posição periférica no cenário turístico regional, o território deste município existem rios das três maiores bacias

ondulados da vertente Oeste, encontram-se rios meândricos e balneáveis, com exceção do forte desnível que existe nessa borda da Serra e onde estão as maiores cachoeiras. Na porção Leste, de topografia acidentada (Figura 6), encontram-se a maioria dos cânions e cachoeiras, ao contrário da vertente Oeste, estão bem distribuídos nos municípios.

O Domínio Oeste – Cerrados, conforme o ICMBio (2009), apresenta planícies fluviais da depressão do Rio das Velhas; colinas da depressão periférica do Rio das Velhas com cerrados e matas secas; cristas e morrotes da depressão periférica do rio das Velhas com matas secas e cerradões e encostas dissecadas da borda Oeste em rochas metapelíticas e diamictitos, como mostram as Figuras 5, 6 e 7. Para alguns estudiosos da área, como Gontijo (2003), a Serra do Cipó corresponderia não ao tamanho do PARNA Serra do Cipó ou da APA Morro da Pedreira, mas sim ao alinhamento montanhoso que margeia o Rio Cipó até sua foz. Assim, essa vertente pode ser considerada como uma das imagens existentes sobre o que é a Serra do Cipó.

Também caracterizado historicamente como “Caminho do Mato Dentro”, o segundo domínio, o Domínio Leste e Sul - Mata Atlântica, (Figuras 5, 6 e 7) tem como características principais as encostas dissecadas e vales encaixados da fachada atlântica, com formações de transição; o planalto dissecado e vales encaixados de Taquaraçu-Nova União com matas semi-decíduais de transição e os planaltos dissecados da borda Leste em mar-de-morros com mata atlântica (ICMBio, 2009). Nessa borda, que foi até o século XIX parte da grande fronteira de povoamento de Minas Gerais, encontram-se

hidrográficas mineiras: as bacias do São Francisco, rio Doce e rio Jequitinhonha (ver Figura 5). Nos terrenos mais planos e

também importantes rios da Bacia do Rio Doce, uma das maiores do Estado. Segundo o ICMBio (2009):

Nas vertentes orientais, que drenam para o rio Doce, o rio mais importante é o Santo Antônio. Nestas vertentes, os rios têm nascentes e cursos iniciais bastante encaixados, e é comum a formação de cacimbas, como sugerem os nomes rio Tanque e rio Entancado. Em seguida, drenam por terrenos ondulados suaves, formando, em diversos pontos, profundos pacotes aluvionais. Os rios que nascem na porção Norte do Parque, com destaque para o rio do Peixe, que nasce no Travessão e o rio Preto, que nasce no Salitreiro, com diversos tributários menores, drenam para o Santo Antônio (ICMBio, 2009, p. 19).

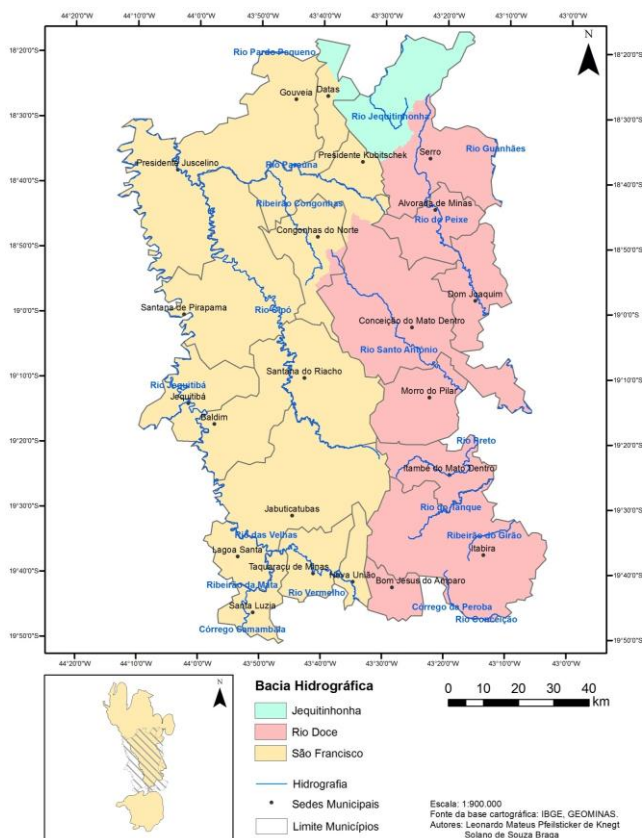


Figura 5: Bacias hidrográficas da Região da Serra do Cipó
Fonte: IBGE (2010); Geominas (2011).

Já o terceiro domínio corresponde os topos de Serra, as áreas mais elevadas da região (Figuras 5, 6 e 7). Pode-se dizer que este domínio é o mais visível e mais homogeneizante, pois é visto em ambas as vertentes, tem características próprias e funciona como área de transição e de agregação dos dois domínios já citados. O Domínio Central - Campos Rupestres do Espinhaço, conforme a descrição do ICMBio (2009), é formado por serras, encostas íngremes e escarpas do Espinhaço com campos rupestres; patamares com campos gramíneos e rupestres; planícies, vales estruturais montanos e

altimontanos; colinas montanhosas embutidas com rochas pelíticas e campos; e platôs quartzíticos de cimeira (ver Figura 6).

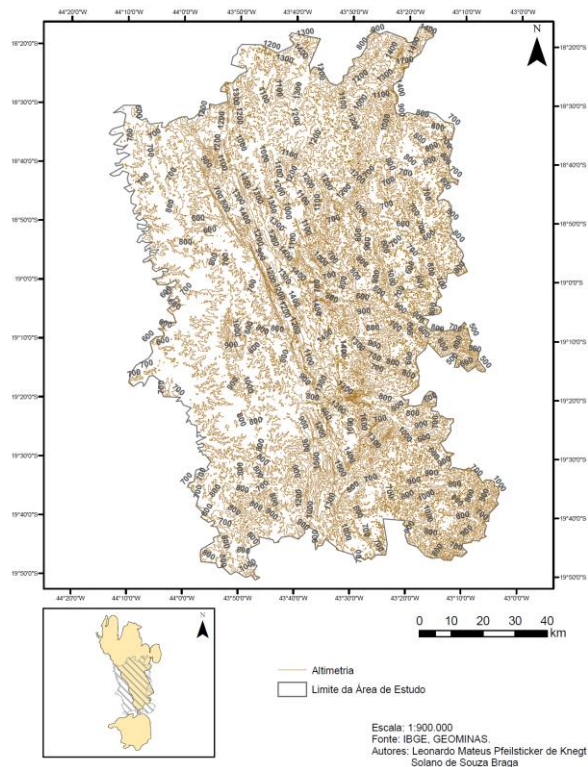


Figura 6: Altimetria da Região da Serra do Cipó
Fonte: IBGE (2010); Geominas (2011).

Apesar da caracterização apresentada sugerir que existe uma divisão bem marcada entre Leste e Oeste na Serra, isso só é observado, na prática, por questões físicas. É possível perceber que diferenças das datas de povoamento estão mais relacionadas com a concessão de sesmarias e outros aspectos políticos. As condições geográficas não eram limitantes se comparadas uma vertente com a outra, uma vez que a ocupação se deu, sobretudo, por questões políticas na região, as quais incentivavam a ocupação e a exploração de determinados recursos.

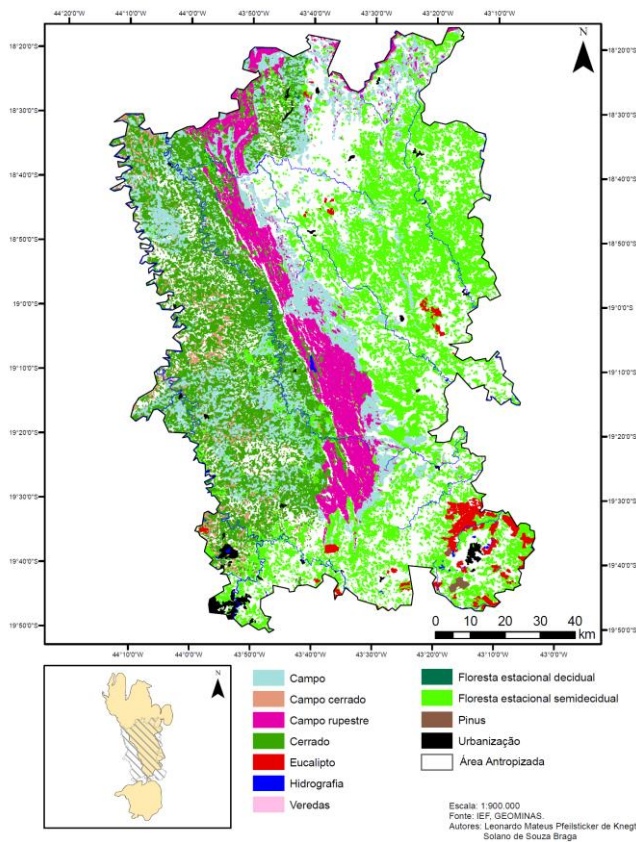


Figura 7: Vegetação da Serra do Cipó
Fonte: IEF (2011); Geominas (2011).

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

A Serra do Cipó faz parte da área englobada pela RBSE – um grande mosaico de UCs das quais se destacam o PARNAS Serra do Cipó e a APA Morro da Pedreira. A Serra do Cipó, seja qual for sua abordagem, sempre estará ligada à Serra do Espinhaço, pois “Serra do Cipó” é um dos nomes regionais recebidos pela Serra (ou cordilheira) do Espinhaço.

A Serra do Espinhaço tem seus limites imersos em algumas polêmicas. De um lado, conforme aponta Goulart (2001), ela corresponde ao grande mosaico de serras que vai da Serra do Mar (SP) até a Chapada Diamantina (BA), por outro lado, também pode ser entendida como o conjunto serrano situado entre o Quadrilátero Ferrífero (MG) e a Chapada Diamantina. Para este estudo, considera-se, assim como Gontijo (2008), a área da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço declarada oficialmente pela UNESCO em 2006, a qual está completamente inserida no estado de Minas Gerais. A RBSE compreende uma área de 3.070.000 hectares. Sua área de abrangência, conforme dados da Fundação Biodiversitas (2009), começa pelas serras de Ouro Preto e Ouro Branco, na região Centro-Sul do estado de Minas Gerais, alcançando também as serras do Caraça, Catas Altas e Barão de Cocais. Próximas a Belo Horizonte estão as Serras da Piedade, Moeda, Cural e Cipó. O PE Serra do Cabral encontra-se na região do Alto São Francisco, já a APA Águas Vertentes localiza-se na região do Alto Jequitinhonha.

Segundo informações disponibilizadas pela PUC-MINAS⁴ e UNESCO, o tombamento da RBSE se justifica por esta porção da Serra do Espinhaço abrigar 67% das espécies de plantas ameaçadas de extinção em Minas Gerais, com destaque para a região da Serra do Cipó, que abriga o maior número de espécies endêmicas da flora brasileira e um grande endemismo da fauna associada a essas plantas. Outro motivador foi o fato de já existir onze unidades de conservação, entre UC’s estaduais, federais e municipais⁵. No “Zoneamento síntese da RBSE” tem-se como área total 3.076.457,80 hectares, sendo a área das zonas núcleo de 204.522,14 hectares; a área da zona de amortecimento de 1.979.996,65 hectares e a área da zona de transição de 991.939,01 hectares.

Essas UC’s tendem a ser agrupadas em mosaicos⁶, sendo que já existe movimentação para a criação do mosaico Cipó – Intendente, pois como lembrado por Henri Collet (PARNAS Serra do Cipó) e Miguel Andrade (RBSE-MG)⁷, a criação ou a existência da intenção de criar o mosaico, já é, por si só, um sinal de como as UC’s são importantes para a identidade da Serra do Cipó, havendo consenso em relação a sua preservação. Ainda, somam-se a esta ideia outros dois aspectos – a beleza e o patrimônio.

Praticamente toda a região considerada como Serra do Cipó está inserida em uma grande UC – a RBSE. Dessa totalidade, cerca de 40% da área da Serra é composta por outros tipos de UC’s e que possui uma série de restrições de uso do solo, conforme aponta o Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC. Essa porcentagem talvez chegue a 50% com a possível ampliação do PARNASC e a criação de outros dois Parques Estaduais no Mosaico Cipó-Intendente. Pode-se afirmar, desse modo, que a criação de UC’s pelo ICMBio fortalece a proposta de região apresentada nesse estudo, pois abrange uma área coincidente com vários outros fatores de identidade territorial.

⁴ Disponível em: <<http://www1.pucminas.br/jornal/materia.php?codigo=181&lateral=1&cabecalho=5&menu=929>>

⁵ Parque Nacional da Serra do Cipó, Parque Nacional das Sempre Vivas, Parque Estadual do Itacolomy, Parque Estadual da Serra do Rola Moça, Parque Estadual do Rio Preto, Parque Estadual do Biribiri, Parque Estadual do Pico do Itambé, Estação Ecológica Estadual de Tripuí, Estação Ecológica Estadual de Fechos, Parque Natural Municipal do Ribeirão do Campo e Parque Natural Municipal do Salão de Pedras.

⁶ SNUC – MOSAICOS - LEI FEDERAL Nº 9.985-00: Art. 26. Quando existir um conjunto de unidades de conservação de categorias diferentes ou não, próximas, justapostas ou sobrepostas, e outras áreas protegidas públicas ou privadas, constituindo um mosaico, a gestão do conjunto deverá ser feita de forma integrada e participativa, considerando-se os seus distintos objetivos de conservação, de forma a compatibilizar a presença da biodiversidade, a valorização da sociodiversidade e o desenvolvimento sustentável no contexto regional.

Parágrafo único: O regulamento desta Lei disporá sobre a forma de gestão integrada do conjunto das unidades. Fonte: ICMBio.

⁷ *Seminário Internacional sobre Reservas de Biosfera, Serviços e Indicadores de Sustentabilidade* (Ouro Preto, 2010): Assinatura do protocolo de intenções para a criação do Mosaico “Cipó - Intendente”: campos rupestres e ecossistemas associados da Serra do Espinhaço. Fonte: ICMBio.

CAMINHOS – EIXOS DE PENETRAÇÃO

De acordo com Ferreira (2010), a Serra do Cipó poderia ser vista através de dois vetores: o Vetor Leste, onde a atividade turística começou ainda nas décadas de 1970 e 1980, cadenciada, principalmente, pelo asfaltamento da MG-010; e o Vetor Oeste, antiga Estrada Real, onde a inserção da atividade turística se deu mais tardiamente – já nas décadas de 1990 e 2000, onde grande parte dos acessos ainda não foi pavimentada.

Acredita-se ser indiscutível a importância da rede de transporte para a integração econômica de qualquer município no seu contexto regional. Na Serra isso vem acontecendo desde que os índios começaram a traçar os primeiros caminhos. Posteriormente, alguns desses caminhos viraram trilhas para os bandeirantes e, atualmente, transformaram-se em estradas para os moradores e turistas. Analisando o atual quadro é possível tecer algumas previsões para quais áreas o turismo se expandirá nos próximos anos. A facilidade de acesso atua, nesse sentido, como um dos principais direcionadores da demanda turística na região, pois as áreas mais isoladas são também as menos visitadas.

Todavia, a existência dos caminhos, por si só, não é garantia de desenvolvimento econômico. O isolamento das localizadas não é marcado pelas existências ou não de acessos. A lógica é outra – esses acessos são feitos, mantidos ou melhorados em função dos interesses econômicos locais e regionais. Os antigos caminhos calçados que cortavam a Serra no povoado de Fechados (Santana do Pirapama) ou em Cardeal Mota (conhecido como Caminho dos Escravos, ligando Cardeal Mota a Morro do Pilar), por exemplo, ainda não se transformaram em estradas, mostrando que a lógica de existência dos atuais caminhos na Serra é complexa e reflete os interesses econômicos em curso na região.

Fato emblemático dos interesses que levam para a construção dos caminhos foi notado por Goulart (2009), sobre a pomposa inauguração de uma estrada de rodagem para ligar as duas vertentes da Serra do Cipó em 1927, que contou até com a presença do presidente da república da época, Washington Luís. Apesar do discurso, que pregava como justificativa para a construção da estrada a promoção do progresso regional, Goulart (2009) lembra que “a estrada significava uma nova rota para o Mato Dentro, até então isolado pela montanha. Mas havia também outro motivo para a obra que era, na realidade, muito mais forte” (p.115).

Exatamente nessa época eclodia uma revolta contra a política do café-com-leite, ou seja, contra o rodízio no poder de oligarquias de São Paulo e Minas Gerais. No Rio Grande do Sul, teve início a rebelião liderada por Luís Carlos Prestes. Nessa época, várias estradas foram construídas em tempo recorde, com a precípua finalidade de facilitar o deslocamento de tropas para a defesa do governo central. Exatamente no ano da inauguração de estrada para a região do Mato Dentro, a Coluna Prestes se viu derrotada (GOULART, 2009).

Para os demais caminhos a história não muda muito. O asfaltamento para a sede de Santana do Riacho, finalizado no ano de 2013, fez parte do Programa pró-acesso do governo do

estado de Minas Gerais. Fato que ilustra que as demais rotas no futuro, assim como no passado e no presente, ficarão nas mãos dos interesses eleitorais ou privados. Após a conclusão do asfaltamento da MG-010, seguiram-se os asfaltamentos das sedes municipais, como ocorreu em Conceição do Mato Dentro e, depois, em Santana do Riacho, Morro do Pilar e Congonhas do Norte.

O TURISMO NA SERRA DO CIPÓ

Falar sobre o turismo na Serra do Cipó é abordar a forma como se deu a transformação das paisagens naturais e do espaço rural em atrativos turísticos; das relações pessoais e sociais desnaturalizadas e transformadas em prestação de serviços e, por fim, das territorialidades e espaços criados a partir da interação, nem sempre harmônica, entre turistas e moradores. É possível inferir como o turismo contribui para a ideia de região que se tem da Serra, além de fatores de atração turística e quais tipos de turismo ocorrem.

A Serra do Cipó não perdeu ao longo dos anos o magnetismo sobre os viajantes, sendo hoje um destino muito conhecido dos turistas e ecoturistas em todo Brasil. Ela apresenta diversas histórias e possui marcas nas paisagens e nas pessoas que ilustram os efeitos do fenômeno turístico em áreas naturais. Através da bandeira do ecoturismo, ou “turismo verde”, a modernidade avança para povoados, vilas e fazendas da região e muda o ritmo e modo de vida dos moradores da Serra. Esse fato é bem ilustrado por Soares (1995), ao citar as palavras do Sr. José Belizário⁸ “*O lugar passou a ter seu ritmo de vida ditado por quem vem de passagem. E, para estes, a Serra, por mais maravilhosa, não passa de um cenário das férias ou do fim de semana*”.

Desde as décadas de 1970 e 1980, o asfaltamento da MG-10, a criação do Parque Nacional da Serra do Cipó e, posteriormente, na década de 1990, a criação da Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira¹⁰, já sinalizavam para um conflito marcante nos dias atuais, isto é, como conciliar a criação de Unidades de Conservação Ambiental com a especulação imobiliária, o lixo, o aumento no consumo de água e luz trazidos pelo turismo?

As palavras do Sr. José Belizário mostram que os turistas que vão até a Serra também mudaram, e já no ano de 1995 ele afirmava que “*os hóspedes de hoje dizem que vem aqui para descansar, mas já chegam com pressa de fazer passeio e ver tudo de uma só vez, perguntando o que tem para fazer à noite*”. Esse é um dilema comum entre os turistas – eles viajam, mas levam consigo os mesmos hábitos dos quais procuram se distanciar. Esse ritmo de vida dos forasteiros dita atualmente o ritmo da vida em boa parte da Serra, ou seja, o trabalho, o lazer e os distritos têm uma dinâmica voltada mais para o atendimento dos visitantes do que dos próprios moradores.

⁸ Dono do Cipó Veraneio, primeiro hotel da região da Serra do Cipó e primeiro prefeito de Santana do Riacho.

¹⁰ A APAMP só foi instituída oficialmente em 1990.

Importante ressaltar ainda que, com exceção do município de Baldim, todos os demais municípios próximos à Serra do Cipó fazem parte do trajeto da Estrada Real. Apesar de envolver fortemente algumas questões políticas, os limites da Estrada Real contribuem, todavia, para reforçar os contornos da própria Região da Serra do Cipó. Na Figura 8, é possível visualizar a presença dos municípios e a sobreposição dos traçados. Vale ressaltar que todos os municípios também estão inseridos na Reserva da Biosfera que, mesmo com pouco tempo de criação, já atua como elemento de agregação nas questões relacionadas à Serra do Espinhaço.

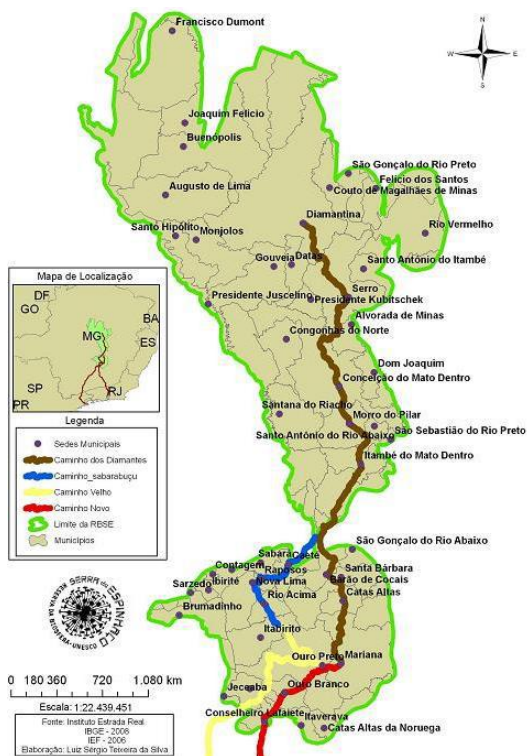


Figura 8: Eixo da Estrada Real sobreposta à RBSE
 Fonte: IBGE (2006); IEF (2006). Extraído de RBSE-UNESCO, (2011).

Como o turismo está sendo considerado aqui como um dos fatores que determinam a região da Serra do Cipó, vê-se que os limites da Região da Serra do Cipó quase coincidem com o que foi concebido inicialmente pela Associação do Circuito Turístico do Parque Nacional Serra do Cipó, que englobava os municípios de Jaboticatubas, Nova União, Santana do Riacho, Conceição do Mato Dentro, Congonhas do Norte, Morro do Pilar, Baldim, Itabira, Itambé do Mato Dentro e Taquaraçu de Minas, conforme ilustra a Figura 9. Atualmente o Circuito conta com os seguintes municípios associados: Nova União, Santana do Riacho, Jaboticatubas, Conceição do Mato Dentro, Congonhas do Norte e Dom Joaquim, sendo o último pouco integrado geograficamente e socialmente ao que acontece na Serra do Cipó. Nesse quadro observa-se municípios como Itambé do Mato Dentro e Itabira, com grande parte de seus territórios na APA Morro da Pedreira, fora do Circuito Serra do Cipó e, no caso de Itabira, associado ao Circuito do Ouro.

Vale dizer que a permanência e inserção dos municípios nos Circuitos Turísticos é algo muito controverso e dinâmico, já que o número de integrantes e os critérios de participação nem sempre são territoriais e históricos. Em anos posteriores às eleições municipais, por exemplo, observam-se várias mudanças nos contornos dos circuitos, pois a permanência ou não do município no circuito, em geral, fica a mercê da vontade dos novos prefeitos eleitos.

O Circuito Serra do Cipó é cercado pelo Circuito do Ouro ao sul, pelo Circuito dos Diamantes ao Norte, a Oeste pelo Circuito das Grutas e a Leste pelo Circuito Nascentes do Rio Doce. Essa é uma divisão coerente do ponto de vista territorial, embora a facilidade com que os municípios mudam de um circuito para outro dificulta o planejamento e a visão do turismo regionalmente. Isso ocorre porque, ao invés de aproveitar a unidade regional já existente, os Circuitos acabam tentando estabelecer outros critérios baseados, quando muito, na atratividade turística, desconsiderando os outros tantos fatores de agregação regional como os que foram aqui apresentados para a Serra do Cipó.

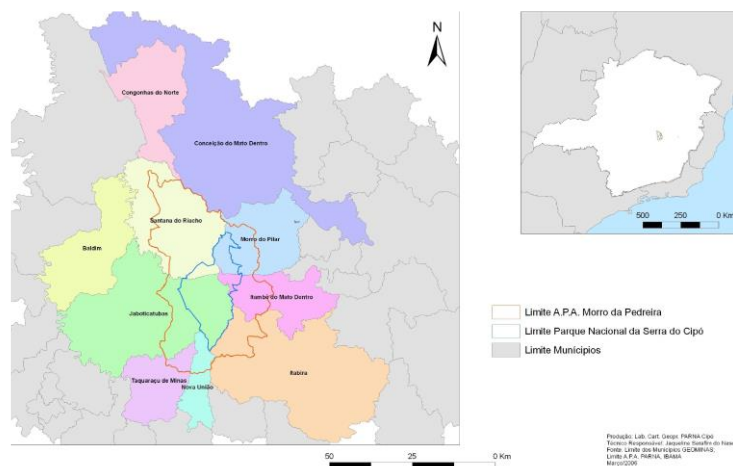


Figura 9: Municípios integrantes do Circuito Turístico do Parque Nacional da Serra do Cipó, 2009
 Fonte: ICMBio (2009).

4. Resultados

A Figura 10 demonstra a área core de abrangência e influência da Serra do Cipó, construída com base em todos os fatores expostos nos tópicos anteriores. Neste trabalho, considerou-se a sobreposição de diversos elementos que pudessem subsidiar tal definição, incluindo, de modo geral, fatores como a história, geografia, UC's, caminhos e o contexto turístico. Assim, definiu-se como região a área composta pelos municípios onde a soma de fatores é mais presente e, logo, fortalecem a identidade "Serra do Cipó", sendo eles: Santana do Riacho, Jaboticatubas, Baldim, Lagoa Santa, a porção Norte do município de Santa Luzia, Taquaraçu de Minas, Nova União, Itabira, Bom Jesus do Amparo, Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar, Conceição do Mato Dentro, Serro, Presidente Kubitschek, Congonhas do Norte, Alvorada de Minas, Dom Joaquim, Presidente Juscelino, Jequitibá e Santana de Pirapama. Desses dezesseis municípios, a prática turística já ocorre de forma efetiva em dez.

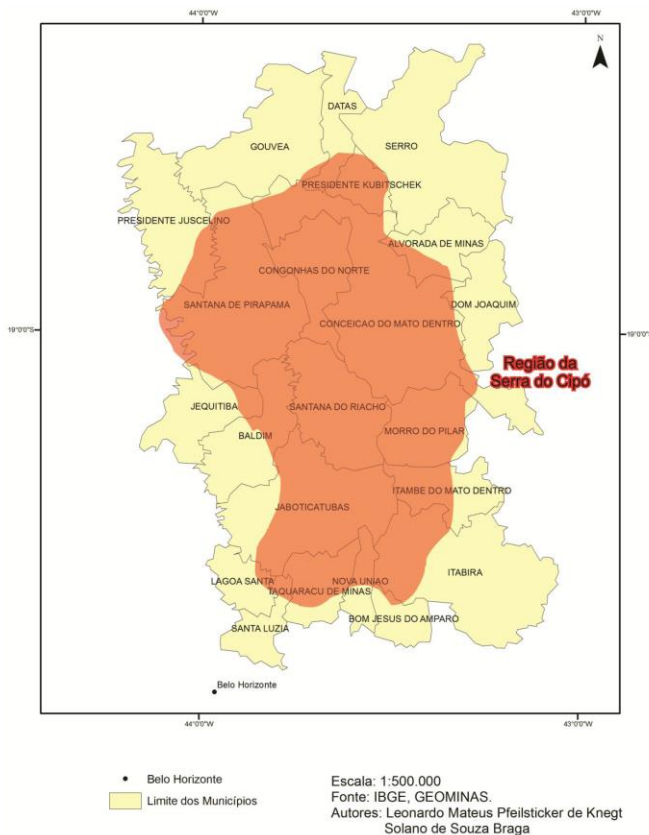


Figura 10: Proposta de regionalização para a Serra do Cipó, 2011
Fonte: IBGE (2010); Geominas (2011).

A identidade da Serra do Cipó é frágil e o turismo incipiente nos municípios periféricos como Santana de Pirapama, Congonhas do Norte, Nova União e Taquaraçu de Minas. É necessário ressaltar que o isolamento provocado pela dificuldade de acesso e a estagnação econômica restringem o

contato dos municípios periféricos com as áreas de maior dinamismo da região, o que dificulta a implantação do turismo como atividade econômica. Fatores físicos como a orografia desta porção da Serra do Espinhaço e a hidrografia também são fortes influências para os limites municipais e as áreas com maior dificuldade de acesso, sendo, portanto, coincidentes com as áreas de abrangência da Serra do Cipó.

Observa-se na região uma territorialidade provocada pelo turismo. No recorte proposto pode-se destacar o núcleo da região onde a visitação e as transformações são mais intensas e perceptíveis que nas demais localidades onde estão os municípios de Santana do Riacho, Jaboticatubas, Baldim, Lagoa Santa e Santa Luzia. A borda Leste é a área que já sofre pressão da visitação, embora sua paisagem ainda seja pouco alterada pelo fenômeno turístico. Esta área é composta pelos municípios de Taquaraçu de Minas, Nova União, Itabira, Bom Jesus do Amparo e Itambé do Mato Dentro. A porção noroeste, constituída por municípios localizados a nordeste do PARNASC, engloba Morro do Pilar e Conceição do Mato Dentro. Nessa borda existe uma forte presença, embora relativamente recente, de grandes projetos para mineração de ferro, além do processo de entreabrir-se para o turismo. São nesses dois municípios, portanto, onde acontecem nos dias atuais os mais acentuados processos de transformações em aspectos como criação de acessos, mudança na posse da terra e de direcionamento da economia local que mudou da produção agrícola para a prestação de serviços no turismo ou no trabalho em mineradoras. A borda, à Oeste é formada pelos municípios de Congonhas do Norte, Santana de Pirapama, Jequitibá, Presidente Juscelino e Presidente Kubitschek, com áreas ainda pouco visitadas e mais distantes da MG10, de Cardeal Mota e da sede do PARNA da Serra do Cipó.

5. Conclusão

O presente estudo apresenta de forma esquemática e objetiva os critérios utilizados na proposição de uma "nova" regionalização para a Serra do Cipó. A Serra do Cipó é resultado de uma soma de elementos físicos, geográficos, históricos, sociais, econômicos e culturais, cuja dinâmica fez com que suas dimensões fossem se alterando ao longo do tempo. Nesse contexto, o turismo é o agente que mais contribui para que a imagem da Serra se consolide e se associe, sobretudo, à questão ambiental, que se dá, portanto, por meio das paisagens e atividades que são divulgadas, envolvendo quase sempre cachoeiras, a morfologia local e a vegetação preservada.

REFERÊNCIAS

- [1] ALVES, Márcio Resende F., DINIZ José Eustáquio. **D. João VI e o genocídio dos índios botocudos**. XVI

- Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, 2008.
- [2] BRAGA, Solano S.; GONTIJO, B. M. **A Região da Serra do Cipó: Complexidade, tempo e Turismo**. Dissertação (mestrado), IGC/UFMG. 2011.
- [3] BRAGA, Solano de Souza; GONTIJO, Bernardo Machado. O turismo como vetor de transformações sócio-espaciais: uma análise complexa das três sub-regiões da Serra do Cipó - MG. In: XIII SBGFA - a Geografia física e as dinâmicas de apropriação da natureza, 2009. p. 1-6.
- [4] EPLERWOOD INTERNATIONAL. **Diagnóstico de Turismo de Natureza – Destino Serra do Cipó – Estrada Real, Minas Gerais, Brasil (2007)**. Disponível em www.eplerwood.com.
- [5] FERREIRA, Raoni Araújo. **A Serra do Cipó e seus vetores de penetração turística: um olhar sobre as transformações socioambientais**. Dissertação (mestrado), IGC/UFMG. 2010.
- [6] GONDOLO, Graciela Cristina Fernández. Desafios em um sistema complexo à gestão ambiental – Bacia do Guarapiranga, região metropolitana de São Paulo. FAPESP e ANNABLUME editora, São Paulo, SP, 1999.
- [7] GONTIJO, Bernardo Machado. **A Ilusão do Ecoturismo na Serra do Cipó/MG: O Caso de Lapinha**. Tese de Doutorado. Brasília: CDS/UnB, 2003.
- [8] GOULART, Eugênio M. A; **Nos ermos e nas brumas da Serra do Espinhaço**. Ed: COOPMED. Belo Horizonte, 2001.
- [9] GOULART, Eugênio M. A; **O Caminho dos Currais do Rio das Velhas - a Estrada Real do Sertão**. Ed: COOPMED. Belo Horizonte, 2008.
- [10] GUSSO, Neiva Tomazel; GONTIJO, Bernardo Machado; **Minas Novas de Velhas Histórias: Contextualização geográfica e sócio-econômica**. Monografia de conclusão de curso, IGC/UFMG, 1996.
- [11] IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem de população. Sistema de recuperação de informação municipal - Censo Demográfico. Rio de Janeiro, IBGE, 1996 GARDNER, George. Viagem ao Interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975
- [12] ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Cipó**, 2009.
- [13] IEF/MG – Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais. Sítio eletrônico: www.ief.mg.gov.br. 10/12/2010
- [14] MAGALHÃES, João Carlos. **Emancipação político-administrativa de municípios no Brasil**, Departamento de Estudos Regionais e Urbanos (Dirur) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).
- [15] MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 3a Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- [16] NAZARETH. **Serra do Cipó**, 2005.
- [17] PAULA, Elis Regina de. **Marketing Ecológico: uma nova Perspectiva para a Serra do Cipó**, monografia de conclusão de curso – Gestão estratégica/marketing, FACE-UFMG, 1996.
- [18] PEREIRA, Doralice Barros; ANDRÉ, Pierre; BRYANT, Christopher R. **La participation publique dans les unités de conservation, région de la Serra do Cipó au Minas Gerais, Brésil [manuscrito]**. 2002 xv, 206, xciv f.: + 1 mapa, color. Tese (doutorado) - Université de Montréal, Departement de Géographie, 2002.
- [19] PROUS, André. **Histórico das pesquisas no abrigo de Santana do Riacho e nos arredores (Serra do Cipó)**, in Arquivos do Museu de História Natural – UFMG. Belo Horizonte, vol. 12, tomo I: 61-66, 1991.
- [20] Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço – RBSE. Sítio eletrônico: <http://rbse-unesco.blogspot.com.br/>
- [21] Revista Sagarana. Acessado 30/07/2015. Disponível em: <http://www.revistasagarana.com.br/revista21/>
- [22] SAADI, A. **Ensaio sobre a morfotectônica de Minas Gerais**. Belo Horizonte: IGC/UFMG, Tese para admissão a cargo de Professor Titular, 1991.
- [23] SAADI, A. **A geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas margens**. Geonomos, Revista de Geociências, vol. III, N° 1, 41-63, 1995.
- [24] SOARES, Dulce, MACHADO, Angelo B.M., SANTOS, Fábio M.C. e BRAGA, Pedro I. **Serra do Cipó**. 1a reimpressão. São Paulo: Empresa das Artes Projetos e Edições Artísticas, 1995.

Application of the complex analysis in geographic studies: proposal for a regionalization of the *Serra do Cipó*

Solano de Souza Braga¹
Bernardo Machado Gontijo²
Guilherme Augusto Pereira Malta³
Maria Flávia Pires Barbosa⁴

¹ Graduated in Tourism (UFMG) and Geography (UNIVERSO). Master in Geography (IGC-UFMG). Professor at UEMG.

² Graduated in Biology (PUCMinas) and Geography (IGC-UFMG). Master in Latin-American studies (Vanderbilt University). Doctorate in Sustainable Development (UNB). Professor at IGC-UFMG.

³ Graduated in Tourism (UFMG). Master in Geography (IGC-UFMG). Graduated student in Geography (IGC-UFMG).

⁴ Graduated in Tourism (IGC-UFMG). Master in Geography (IGC-UFMG). Graduated student in Geography (IGC-UFMG).

Abstract The distinct views regarding the Serra do Cipó and the absence of a more comprehensive definition of the region cause inconsistencies in the boundaries of the study area. In general, the term “Serra do Cipó” can have several meanings: a district, a National Park, an Environmental Protection Area, a catchment area, a Tourist Circuit, among others. Based on complex analysis, the objective of this article is to present a definition of the region that matches its main characteristics and the natural and human elements of the Serra do Cipó. For this, a regional cutout was proposed to the Serra do Cipó overlapping historical, environmental, territorial, cultural and socioeconomic elements. Currently, tourism is the agent that most contributes to consolidate the image of the Serra joining mainly to environmental issues. Thus, the region was defined as the area comprised of the municipalities in which the sum of factors is present and thus strengthen the “Serra do Cipó” identity.

Keywords: regionalization; tourism; Serra do Cipó.

Informações sobre o autor

Solano de Souza Braga (UEMG)

Endereço para correspondência: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-90. Instituto de Geociências; Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG

E-mail: solanobraga@yahoo.com.br

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3774316982731542>

Bernardo Machado Gontijo (UFMG)

Endereço para correspondência: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-90. Instituto de Geociências; Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG

E-mail: gontijobm@yahoo.com.br

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0882015654292509>

Guilherme Augusto Pereira Malta (UFMG)

Endereço para correspondência: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-90. Instituto de Geociências; Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG

E-mail: guilherme.malta@gmail.com

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7723375211499046>

Maria Flávia Pires Barbosa (UFMG)

Endereço para correspondência: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-90. Instituto de Geociências; Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG

E-mail: pires_flavia@yahoo.com.br

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3469566283414298>

Artigo Recebido em: 11-07-2015
Artigo Aprovado em: 22-11-2015